

A Agricultura do Povo Tupinambá de Serra do Padeiro, Buerarema - Bahia

The Agriculture of the People Tupinambá of Serra of the Baker, Buerarema - Bahia

MARQUES, Carla Teresa dos Santos. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), ctsmarques@gmail.com; GAMA, Erasto Viana Silva. UFRB, erastovsg@yahoo.com.br; CARVALHO, Aurélio José Antunes de. Centro Sapucaia, aureliocarva@hotmail.com

Resumo

O povo indígena Tupinambá da Serra do Padeiro encontra-se em processo de reafirmação identitária e regularização de suas terras. Nesse contexto, este trabalho teve como objetivo diagnosticar e fomentar a troca de saberes entre as gerações sobre as práticas agrícolas adotadas na Aldeia, bem como discutir os problemas decorrentes destas e suas possíveis soluções. Foram realizadas 02 oficinas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP). A base econômica dos Tupinambá é a cultura da mandioca para produção de farinha. As espécies de ciclo curto são destinadas à segurança alimentar das famílias, com comercialização do excedente. Embora tenha um foco voltado aos cultivos de importância econômica, a comunidade indígena realiza o manejo e diversificação dos cultivos, de forma tradicional visando a sua segurança alimentar.

Palavras-chave: Indígenas, cultura, agroecologia, segurança alimentar.

Abstract

The native people Tupinambá of the Mountain range of the Baker is in process of reaffirmation identity and regularization of his lands. In this context, this work had how I aim to diagnose and to promote the exchange of knowing between the generations on agricultural practices adopted in the Village, as well as discussing the resulting problems of this and his possible solutions. There were carried out 02 workshops of Quick Diagnosis Participative (DRP). The economical base of the Indian is the culture of the manioc for production of flour. The sorts of short cycle are destined to the food security guard of the families, with marketing of the excess. Though it has a focus turned to the crops of economical importance, the native community carries out the handling and diversification of the crops, of traditional form aiming at his food security.

Keywords: Indians, culture, agroecology, food security.

Introdução

As populações tradicionais, embora ocupem espaços marginalizados de terra e de acesso ao conhecimento, possuem suas próprias formas de relação com a natureza e a produção agrícola. Os métodos tradicionais de produção estão geralmente organizados para resistir a estresses ambientais e restrições de mão-de-obra, aproveitar o potencial da consorciação sinérgica das culturas e atender às exigências dietéticas de populações, as quais lançam mão de métodos diferenciados em razão das características e disponibilidade de recursos. De acordo com os problemas ambientais específicos, camponeses de todo o mundo desenvolveram sistemas únicos de manejo para superar essas limitações. Uma delas, a diversificação de cultivos, exibe um rol de características desejáveis de estabilidade socioeconômica, elasticidade biológica e produtiva. Este tipo de agricultura vem beneficiando-se através de séculos de evolução cultural e biológica, adaptando-se assim às condições locais (COSTA, 2004; EGGER, 1981).

No entanto, a partir da década de 60, com a Revolução Verde, um intenso processo de modernização da agricultura passou a ser implementado na América Latina. Estigmatizada enquanto atraso técnico, a agricultura tradicional foi colocada em segundo plano pelos órgãos de

Resumos do VI CBA e II CLAA

pesquisa e extensão rural do Brasil. Este processo implicou na adoção de um modelo tecnológico que contribuiu para tornar os agroecossistemas insustentáveis, ocasionando impactos ambientais e sociais perversos, sobretudo nas áreas de maior fragilidade ambiental.

O povo indígena Tupinambá da Serra do Padeiro, Buerarema, Bahia, Brasil, encontra-se em processo de reafirmação identitária e regularização de suas terras pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Tal processo envolve não somente a posse e retomada de áreas do seu território, mas a re-significação de sua cultura em relação à agricultura e conservação ambiental, dentre outros aspectos sociais, bem como, a adoção de medidas compensatórias dos impactos negativos da Revolução Verde em áreas de retomada do Território e da intensificação do uso da terra e demais recursos naturais pelos próprios índios.

Nesse contexto, este trabalho teve como objetivo diagnosticar e fomentar a troca de saberes entre as gerações acerca de práticas agrícolas adotadas na Aldeia, discutir também problemas decorrentes de tais ações e buscar possíveis soluções. Constituiu-se num dos resultados do projeto Agroecologia em Terras Indígenas, executado pela Associação Nacional de Ação Indigenista (ANAÍ) em parceria com a Associação Indígena Tupinambá de Serra do Padeiro (AITSP) e Programa de Pesquisas Sobre Povos Indígenas do Nordeste Brasileiro (PINEB/UFBA), financiado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

Metodologia

Foram realizadas 02 oficinas, totalizando 16 horas de atividade, com a participação média de 30 pessoas, onde foram empregados métodos de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) de acordo com Verdejo (2006). Para verificação das demais questões foram realizadas entrevistas utilizando questionários semiestruturados. Foram reconstituídos os principais pontos da história da agricultura local, contrapondo as formas de cultivo tradicionais, os mais recentemente introduzidos com as práticas autóctones relacionadas ao uso e à conservação dos recursos naturais. Além disso, foi sistematizado parte dos conhecimentos que orientam a prática agrícola Tupinambá, gerando o calendário anual agrícola.

Resultados e discussões

Os índios Tupinambá ainda praticam a agricultura itinerante baseada na derrubada e queimada da mata ou capoeira para plantio em meio às cinzas. No entanto, a pouca disponibilidade de terras, tem reduzido amplamente a eficiência dessa prática, devido à redução ou não aplicação do período de pousio. Anos atrás, derrubava-se a mata, ateava-se o fogo e depois “goivava” ou “coivarava”¹ e colocava-se fogo novamente, pois segundo relatos “*não existia sol pra queimar e o mato molhado não queimava, só sapecava*”. Nas áreas que não eram queimadas, plantava-se com o fincão² ou semeava a lanço e depois procedia-se a roçagem das plantas espontâneas para os cultivos saírem.

Atualmente, a base econômica dos Tupinambá de Serra do Padeiro é a farinha de mandioca, muito aceita pelos moradores das cidades de Buerarema, Itabuna e região. De forma semelhante, Pereira (2000), em estudo com os Kokama do Alto Solimões, constatou que pressões sociais levaram os índios a substituir progressivamente suas atividades tradicionais de subsistência, por atividades orientadas para uma economia de mercado, baseada na produção de farinha de mandioca. Sobre a importância econômica da mandioca para os Tupinambá, pode-se considerar o seguinte relato, como opinião da comunidade:

A mandioca é como se a gente tivesse um dinheiro no banco, ou melhor! Se você hoje diz, eu

¹ Ato de amontoar os galhos remanescentes após a queimada.

² Lança de madeira com a ponta afiada em bisel, usada nos plantios para abrir furos na terra e então se efetuar o plantio.

Resumos do VI CBA e II CLAA

quero pegar 500 reais e você tem sua mandioca, tem a casa de farinha, daqui a pouco você tá com seu dinheiro na mão, pra cobrir qualquer dívida. É tudo com a mandioca! (Magnólia, Professora, Serra do Padeiro).

Além dos problemas de fertilidade ocasionados pela intensificação do uso da terra, os índios Tupinambá também reconhecem que é necessário reduzir a pressão sobre a mata por conta do uso da lenha destinada à fabricação da farinha. O atual sistema de cultivo da mandioca é conduzido da seqüência: roçagem-queimada-plantio-capinas-colheita, com uso de adubação a partir do segundo ano. Quanto à adubação notou-se opiniões divergentes, como pode ser observado nos relatos de D. Maria e de Sr. Almir, agricultora e agricultor, indígenas da Serra do Padeiro:

A gente não tinha mais como plantar, aqui no pé da Serra terra tava difícil (...). Aí eu tomei o curso, eles (técnicos da CEPLAC) ensinou pra botar o supersimples que ele é muito natural, não gasta a terra. Vocês planta com supersimples que vocês leva 10 – 12 anos plantando num lugar só. Aí eu aprendi e é mesmo (...) Tem uns seis anos que eu peguei plantar mandioca com esse supersimples (D. Maria).

Quando nós limpava de estrovenga que é quase igual ao bisco³ e fazia aqueles cambaleão, deixava os cisco tudo na roça, nós produzia muito mais sem adubo e agora nós passa o bisco e aduba e tamos tendo pior (Sr. Almir).

Outras culturas de importância econômica no território indígena Tupinambá são o cacau, o abacaxi e a banana-da-terra. O sistema utilizado para o cultivo do cacau, muitas vezes associado à cultura da banana, aproveita as árvores nativas de grande porte para sombreamento do cacauzeiro. Essa prática, conhecida regionalmente como cabruca, tem contribuído, segundo muitos estudiosos, para a conservação de grandes extensões da floresta tropical primária e para o desenvolvimento da vegetação secundária em vários estágios sucessionais no Sul da Bahia. Quando não é plantado em cabruca, os cacauzeiros entram na composição de sistemas agroflorestais diversificados, como cultura principal, associados a fruteiras como: jenipapo, abacate, jaca, graviola, laranja, tangerina, mamão, banana-da-prata, urucum, araçá-boi, tamarindo, jambo e cupuaçu, dentre outras. Além das vantagens ecológicas promovidas por esta forma de manejo do solo, os métodos tradicionais indígenas estão inseridos numa lógica de auto-suficiência alimentar, favorecendo o fornecimento de alimento durante o ano inteiro, conforme pode se observar na figura 1 construída a partir do calendário agrícola anual Tupinambá. A oferta de alimentos não se restringe a suprir necessidades nutricionais da população humana, como também, de muitos animais silvestres como pássaros e pequenos mamíferos que co-habitam nestes sistemas.

As espécies de ciclo curto são destinadas à segurança alimentar das famílias e seu excedente é destinado à comercialização. Entre as espécies frequentemente produzidas temos: mandioca, milho, feijão, mangalô, favas, diversas variedades de banana, inhame, batata-doce, abóbora e abacaxi - com destaque para a variedade abacaxi-manga que chega a produzir frutos de 5 Kg. Além disso, utilizam hortaliças nativas como a taioba, língua-de-vaca e bredo e cultivam inúmeras plantas medicinais e condimentares em meio às roças, as quais além da finalidade alimentar, são destinadas ao controle de pragas e doenças através do uso de macerados de folhas ou extratos em pulverização e/ou rituais religiosos de proteção dos cultivos.

³ Ou bisco - ferramenta adaptada a partir de um facão, do qual retira-se o cabo original e adapta-se um cabo maior de madeira para atuar ceifando o mato.

Resumos do VI CBA e II CLAA

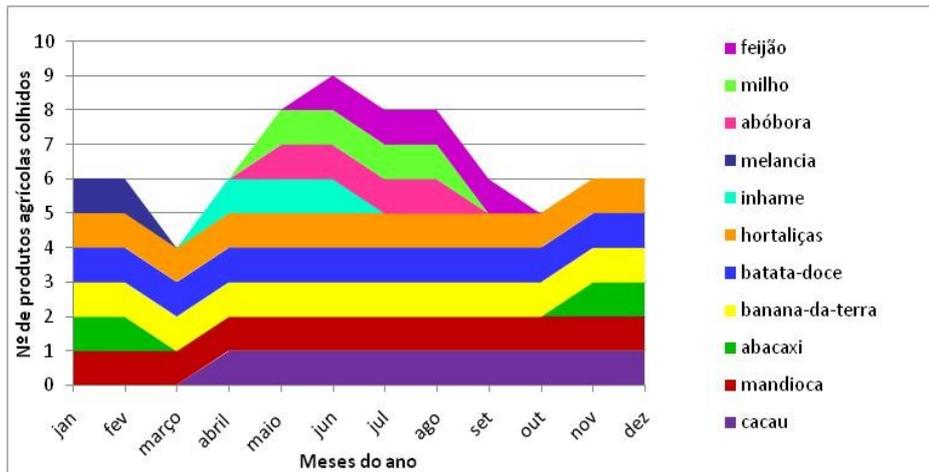


FIGURA 1. Distribuição da oferta dos principais produtos agrícolas ao longo do ano, na comunidade indígena Tupinambá da Serra do Padeiro, Buerarema – BA.

Observou-se também uma forte ligação entre as épocas de plantio e colheita com datas festivas católicas, com o objetivo de melhorar a produtividade, proteger os cultivos de pragas e doenças e ampliar sua conservação pós-colheita. Os plantios anuais são realizados, em grande parte, na ocasião das chuvas, no dia de São José, 19 de março. O plantio de melancia é realizado a partir de agosto até, no máximo, dia 13 de dezembro - Dia de Santa Luzia – para que sua colheita seja realizada até o Carnaval. Pois, acreditam que após a Quarta-feira de Cinzas, as lavouras sofrem com o ataque de pragas e doenças. A colheita dos inhames nativos e cultivados realizada entre abril e junho garante sua conservação durante o armazenamento por até um ano sem o uso de agroquímicos.

Conclusão

A comunidade indígena Tupinambá da Serra do Padeiro, embora tenha um foco voltado aos cultivos de importância econômica, possui características próprias de plantio, manejo e diversificação dos cultivos, baseadas no conhecimento local, como forma de garantir a sua segurança alimentar.

Referências

COSTA, M.B.B. *Análise da sustentabilidade da agricultura da região metropolitana de Curitiba pela ótica da Agroecologia*. 2004. 292 p. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

EGGER, K. Ecofarming in the tropics-characteristics and potentialities. *Plant Res. and. Dev.*, n. 13, p. 96-106, 1981. In: ALTIERI, M. A. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. Guaíba: Agropecuária, 2002. 592 p.

PEREIRA, H.S. Castanha ou farinha: balanço energético comparativo das atividades agrícola e extrativista dos Kokamas. In: EMPERAIRE, Laure (Org.). *A floresta em jogo – o extrativismo na Amazônia Central*. São Paulo: Ed. UNESP, Imprensa Oficial do Estado, 2000. p. 69-77.

VERDEJO, M.E. *Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP*. Brasília: MDA/SAF, 2006. 62 p.